

A RELAÇÃO ENTRE MÉTODO E POLÍTICA EM HEGEL A PARTIR DE *A SOCIEDADE ABERTA E SEUS INIMIGOS* DE KARL POPPER

*The Relation Between Method and Politics in
Hegel from the "Open Society and its Enemies" de
karl popper*

Eloi Pedro Fabian¹

RESUMO: O intuito deste trabalho é expor a crítica de Popper ao método dialético de Hegel e as decorrências da aplicação do mesmo à filosofia política e história a partir da obra *A Sociedade Aberta e Seus Inimigos*. Nosso objetivo é fazer uma exposição dos principais argumentos de Popper a esse respeito, com a pretensão de observar os critérios e conceitos utilizados por este autor, em relação a sua crítica à filosofia de Hegel.

PALAVRAS-CHAVE: Método dialético de Hegel, Popper, Filosofia Política, História

ABSTRACT: This work aims to show Popper's criticism on Hegel's dialectic method and the consequences in applying it on politics philosophy and history, according to the book *The Open Society*

¹ Doutorando em Filosofia (PUCRS). Professor da URI – Campus de Erechim.

and Its Enemies. We have the purpose of exposing Popper's main arguments about it and analyzing the criteria and concepts used by this author, related to his criticism on Hegel's philosophy.

KEY-WORDS: Hegel's dialectic method, Popper; political philosophy; history

INTRODUÇÃO

A filosofia de Popper é resultado de uma tradição analítica oposta ao holismo, à dialética, ao fundacionismo, ao essencialismo² e ao instrumentalismo³. Especificamente na obra *A Sociedade Aberta e Seus Inimigos*, Popper apresenta uma crítica programática aos autores que defendem uma postura filosófica dentro das caracterizações acima, como: Heráclito, Platão, Aristóteles, Hegel e Marx. A crítica a esses sistemas pressupõe uma nova postura filosófica, chamada de falsificacionismo ou terceira concepção. Para ele, o falsificacionismo⁴ é uma proposta sintetizadora do essencialismo e do instrumentalismo, capaz de levar em conta os desafios contemporâneos da ciência e do novo cenário filosófico a respeito da política, do Estado e História. É da terceira concepção que Popper ex-

² Segundo Popper, uma filosofia é essencialista quando apresenta três universos distintos: 1º) o universo das essências (a qual o filósofo encontra ou quer encontrar); 2º) o universo dos fenômenos perceptíveis (o qual aparece ao cientista); 3º) o universo da linguagem (que é a teoria a partir da qual são pronunciadas as descrições da essência e os meios que me dão acesso ao mundo rumo às essências). Cf. POPPER, K. *Três Concepções Acerca do Entendimento Humano*. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

³ O Instrumentalismo, basicamente, estabelece que as teorias científicas não passam de meros instrumentos, hipóteses, conjecturas e suposições acerca da realidade, com a função de abreviar e facilitar os cálculos. De acordo com essa concepção, as teorias científicas não descrevem o mundo ou as coisas.

⁴ Falsificacionismo, ou Terceira Concepção defende a ideia de que não é necessário pensar uma estrutura fundacionista que divide o real entre o aparente e o essencial e nem mesmo conceber as teorias como meros instrumentos incapazes de dizer o mundo. O que temos em ciência são problemas que geram hipóteses. Portanto, as Teorias Científicas são sempre conjecturas genuínas que buscam dar conta dos problemas e que precisam estar sempre dispostas a serem falseadas.

traí sua crítica contundente à idéia de Estado, História e uma nova metodologia das Ciências Sociais - esferas que sofreram consequências 'desastrosas', segundo ele, a partir de um modelo metodológico supostamente errôneo, como o de Hegel.

O foco da crítica de Popper está centrado nos modelos filosóficos que acreditam ser possível criar ou fundar um princípio metafísico, a partir do qual possamos deduzir todas as verdades. Princípios como a Teoria das Formas ou Idéias (Platão), o Primeiro Motor (Aristóteles) ou o Espírito Absoluto (Hegel). Sistemas holísticos e deterministas que apresentam leis inexoráveis e que admitem uma dicotomia entre o aparente e o essencial a ser desvendado.

De modo geral, nesses modelos filosóficos existe uma intuição intelectual das essências e uma pretensão universalista que acaba sendo uma influência direta a uma postura totalitarista e historicista de Estado, e política no contexto moderno e atual. Nessa perspectiva, a partir da obra *A Sociedade Aberta e Seus Inimigos*, este trabalho procura apresentar, num primeiro momento, uma rápida caracterização de Popper sobre o método de Hegel. Num segundo momento, trataremos de expor algumas consequências apontadas por Popper à filosofia política e história de Hegel a partir de tal método (dialético) de apresentação, e que pode trazer contribuições pertinentes para se pensar uma nova atitude metodológica no trato de questões de caráter prático, das ciências sociais e inclusive para as chamadas 'teorias da história'.

I - O OLHAR POPPERIANO SOBRE O MÉTODO DIALÉTICO DE HEGEL

Na obra *A Sociedade Aberta e Seus Inimigos*, Hegel é apresentado como um autor que sofreu influência direta da tradição platônica, neoplatônica e, em muitos aspectos, de Aristóteles, sobretudo de seu modelo teleológico. Em virtude desse vínculo, Hegel mantém na filosofia uma 'desonestidade e irresponsabilidade intelectual' ao tentar apresentar uma resposta para todas as esferas do

conhecimento, a partir de uma filosofia misteriosa e obtusa⁵. Percebemos um total descrédito do filósofo de Viena em relação a tal sistema, descrevendo Hegel como um autor escandaloso, de estilo 'indigerível', que significou um rebaixamento da razão. Uma filosofia que apresenta uma exclusão de toda prova e qualquer espécie de argumento racional, valorizando um dogmatismo e uma visão oracular⁶. Popper é incapaz de reconhecer a tão propalada grandeza de Hegel, sobretudo pelos aspectos deterministas de sua filosofia, a sua concepção otimista e de progresso na História, tanto factual quanto teórica que se concretiza no conceito de Espírito Absoluto ou Idéia, considerando a existência de uma teleologia do incondicionado.

A crítica a Hegel, na obra em análise, inicia com uma descrição das raízes aristotélicas do hegelianismo, concentrando seu argumento em torno de uma filosofia que acredita que as Idéias e Essências estão nas coisas em fluxo, e que toda realidade representa uma idéia (Idealismo Objetivo), contrariamente a Platão que estabelecia uma dicotomia entre as *Idéias* e o real. O passo posterior será de tratar especificamente do sistema de Hegel, apresentando uma mescla entre sua concepção metodológica e suas influências para a noção de Estado, História servindo de fundamento do totalitarismo e do historicismo.

A exposição a respeito da filosofia sistemática de Hegel ocorre sem muitas referências diretas aos textos do autor, concentrando uma abordagem mais panorâmica da *Ciência da Lógica* e *Enciclopédia das Ciências Filosóficas*, com tímidas referências à

⁵ Ao buscarmos o que há de comum em torno da crítica desferida por Popper a estes autores, constatamos que sua principal obsessão está em demonstrar que toda e qualquer teoria científico-filosófica deve manter essa postura de nunca pensar que temos razão suficiente para acreditar que atingimos a verdade. De saber que nossas teorias científicas devem permanecer sempre como hipóteses, verificando se uma nova hipótese é, ou não, superior a uma antiga. É em torno disso que o autor legitima sua crítica à tradição.

⁶ Uma análise crítica da postura de Popper frente à filosofia de Hegel é um aspecto impossível de ser realizado neste trabalho. Manteremos aqui - apesar de entender que, muitas vezes, Popper simplifica e reduz a teoria hegeliana - apenas uma apresentação da visão de Popper a respeito de Hegel, com pretensões de ampliar este debate em trabalhos futuros. O cotejo teórico entre ambos os autores implica elaborar um trabalho bem mais ampliado.

Fenomenologia do Espírito. Com relação à esfera do Estado, Política e História, Popper centra sua investida à *Filosofia do Direito* e à *Filosofia da História*, mesclando elementos do contexto hegeliano. Não há por parte de Popper, nenhum tipo de reconhecimento de possíveis méritos da filosofia hegeliana, exceto o conhecimento de Hegel da história da filosofia.

Em Hegel, segundo Popper, há uma Identidade dos Opostos e uma compatibilidade entre o Uno e o Múltiplo, assim como uma tendência do progresso na direção da *Idéia* e uma teleologia do incondicionado pré-fixado. As essências se desenvolvem através de uma evolução criativa e um historicismo otimista. O conceito de *Aufhebung* (suprassunção), em sua filosofia, permite traduzir a idéia da necessária ordem do autodesenvolvimento do Espírito Absoluto que, ao mesmo tempo, é o autodesenvolvimento do mundo objetivo. Assim, cada etapa contém as precedentes, das quais se origina e supera nesse progresso dialético. Nessa caracterização, a Dialética, enquanto síntese entre Parmênides e Heráclito, é apontada como um processo tenso e uma espécie de ‘guerra dos opostos’ em que sua unidade e identidade acontecem a partir de uma estrutura triádica (Tese, Antítese e Síntese).

Segundo Popper, Hegel opera livremente com as *contradições* porque considera que elas são o motor desse processo de elevação dos níveis inferiores para os níveis mais elevados do conhecimento e da compreensão do mundo. A Filosofia da Identidade⁷ adota a equação de que o Ideal é igual ao Real⁸. Nesse sentido, o que existe corresponde à concretização da *Idéia*. O desenvolvimento do Real é o mesmo da Razão porque mundo e consciência são, na verdade, duas faces de uma mesma moeda. Há um positivismo ético e uma teoria da verdade necessária que é possível através de uma Razão inerente a tudo, sinônimo de Substância, Poder Infinito, Essência

⁷ Filosofia da Identidade deve ser entendida aqui em seu contexto de discussão ampla do ‘Idealismo Alemão’. Pode ser apresentada como uma busca incessante, de Hegel e seu colega Schelling, de fundamentarem um Idealismo Objetivo que afirma a unidade entre ser e pensar, em contraposição ao Idealismo Subjetivo de Kant e Fichte. A esse respeito, ver: HARTMANN, Nicolai. *A filosofia do Idealismo Alemão*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1983.

⁸ Cf. o prefácio da *Filosofia do Direito*: “O que é racional é real, e o que é real é racional” (HEGEL, 1987, p.51). Também citada na *Enciclopédia das Ciências Filosóficas*.

verdadeira e eterna. Assim, a última etapa de cada desenvolvimento deve ser razoável e o ápice de todo o desenvolvimento. A liberdade é apresentada como a essência e a única verdade do Espírito que se desenvolve e que se torna objetiva nas instituições sociais (Família, Sociedade Civil e Estado). Nesse ponto, Hegel compartilha com Aristóteles a suposição de que as Idéias ou Essências estão nas coisas mesmas, porém em fluxo. O mundo em fluxo é uma espécie de 'evolução criativa' ou 'emergente' que tende para o *Absoluto* ou *Idéia*.

No texto *O que é dialética?*⁹, Popper faz um trabalho mais restrito de exposição do sistema de Hegel. A Dialética é apresentada aí como uma teoria que afirma que algo se desenvolve a partir de três fases: **Tese**, **Antítese** e **Síntese**. Estrutura essa, que como sabemos, foi exaustivamente exposta na Ciência da Lógica. Na **Tese** há uma idéia, teoria ou movimento. Essa tese suscitará uma oposição chamada de **Antítese**, enquanto movimento contrário que se dirige contra a primeira afirmação. A **Síntese**¹⁰ é resultado do conflito entre Tese e Antítese na busca de encontrar uma solução. Sobre a Dialética, Popper afirma:

É dialética (no moderno sentido do termo, isto é, especialmente no sentido em que a expressão é usada desde Hegel), uma teoria que afirma que algo – o pensamento humano por exemplo – se desenvolve por meio de três fases ditas dialéticas: tese, antítese e síntese (POPPER, 1994, p. 27).

Essa postura Dialética é uma metodologia análoga à da *Tentativa e Erro*¹¹, presente na Biologia e na Física, e que consiste em

⁹ Cf. POPPER, Karl. *O que é dialética?* In: O racionalismo crítico na política – coletânea de Ensaios. Brasília: UnB, 1994. Dialética é, em seu sentido original, a arte do uso argumentativo da linguagem.

¹⁰ A Síntese, neste caso, pode tornar-se novamente o primeiro passo de um processo dialético ternário que prosseguirá a um nível mais elevado, e poderá existir um terceiro nível depois de ter-se realizado a segunda síntese.

¹¹ Popper considera o *Método de Tentativa e Erro* (Trial and Error) um dos modelos mais inovadores e aceitos pela ciência contemporânea. O contato do autor vienense com tal método ocorreu a partir das influências teóricas advindas do autor neodarwinista Konrad Lorenz. Em síntese, esse método reproduz uma dimensão evolucionista do conhecimento a partir do processo de adaptação, sobrevivência e desaparecimento, que governa a evolução das espécies vivas e pode ser aplicado em todas as áreas do saber. Consiste em afirmar que todos os problemas científicos podem ser resumidos em quatro equações: (Problema Inicial) P1 => (Tentativa de Solução) TS => (Eliminação do Erro) EE => (Problema 2) P2.

afirmar que, quanto mais variadas forem as tentativas, tanto mais provável é que uma delas seja bem-sucedida para gerar, inclusive, uma evolução de lugar. Para Popper, porém, uma grande diferença entre a Dialética e o *Método de Tentativa e Erro* está no fato de este último não apresentar apenas uma tese disponível, mas várias, independentes umas das outras, e que não têm necessariamente de resultar da oposição entre si, concluindo, assim, que o *Método de Tentativa e Erro*¹² é mais eficaz e verdadeiro para qualquer tipo de investigação. Com isso, além da crítica fundamental à Dialética de Hegel, Popper também passa a apresentar um substitutivo metodológico. O método de *Tentativa e Erro* pode ser traduzido na seguinte equação:

- **P** (Problema); **TS** (Soluções Experimentais); **EE** (Eliminação do Erro):

- Sequência evolucionária fundamental: **P1** à **TS** à **EE** à **P2**.

- Podemos, também, destacar a multiplicidade de soluções experimentais possíveis para um mesmo problema, a partir do *Método de Tentativa e Erro*, contrariamente à dialética hegeliana que só permitia uma **Antítese** em relação à **Tese**:

Ex.:

P1	→ à TS1			
	→ à TS2	→ à EE	→ à P2	
	→ à TS3			
	→ à TSn			

Temos assim neste prospecto, diante de um único problema, diferentes soluções experimentais possíveis, que podem nos levar à eliminação do erro, e posteriormente gerar novos problemas mais aprofundados e aperfeiçoados.

O aspecto principal que torna Hegel e os dialéticos dogmáticos ‘ininteligíveis’, é a utilização do termo *contradição* e a confusão entre realidade a ser descrita e os meios utilizados para a sua descrição. Em última análise, de acordo com Popper, o Idealismo Objetivo de Hegel acaba por identificar Mundo e Espírito. Tanto o filósofo

¹² A esse respeito ver: POPPER, Karl. *Conhecimento Objetivo*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1999, p. 223.

fo de Berlim quanto os demais dialéticos afirmam que a *contradição*¹³ é importante na história da Filosofia enquanto crítica. Consideram, e isso é verdadeiro segundo Popper, que, sem a *contradição* e a crítica, não existiria motivo para modificarmos as nossas teorias e nem haveria progresso intelectual. O problema é que há, ali, uma defesa errônea de que não se deve evitar tais contradições, pois elas estão em toda parte. Também porque a sua manutenção é natural e faz parte do processo. Dessa afirmação, os dialéticos concluem a existência de uma nova Lógica Dialética que se apresenta como uma teoria da evolução histórica do pensamento e uma teoria geral do universo, com a função de substituir a 'estéril lógica formal'.

A discordância de Popper, a esse respeito, está em crer que uma *contradição* só é útil enquanto estivermos determinados a não aceitar nenhuma *contradição*, pois o progresso intelectual precisa alcançar, ou ao menos buscar uma solução entre Tese e Antítese. A teoria que permite uma convivência tranqüila com a *contradição* gera um relativismo do qual é possível deduzir tudo e ao mesmo tempo nada. Uma teoria que contém a *contradição* é falaciosa e inútil. Para Popper, a Dialética não pode ser compatível com a Lógica, pois jamais poderia ser aplicada, por exemplo, à Matemática. No máximo, a Dialética pode ser tomada como uma teoria descritiva a respeito das evoluções científicas, mas não pode ser tomada como uma teoria fundamental. Justifica-se assim a concepção popperiana de dialética, enquanto mera técnica ou a arte do uso argumentativo da linguagem, não mais como uma teoria geral do mundo e método para as outras ciências. Nesse ponto, é importante enfatizar a concepção de Popper sobre a Lógica a fim de melhor compreender sua crítica à Lógica Dialética de Hegel, acusada de confundir conceito com a realidade a ser descrita.

¹³ Aqui é importante lembrar as reflexões de Carlos R. V. Cirne Lima, a esse respeito, que substitui o termo *contradição* por *contrariedade* ao tratar dos momentos dialéticos de Hegel entre: Tese, Antítese e Síntese. Cf. CIRNE LIMA, Carlos. *Sobre a Contradição*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996. Esse é, segundo Cirne Lima, o aspecto central da incompatibilidade e falta de diálogo entre os Analíticos e os Dialéticos, já que os primeiros são incapazes de compreender a *contradição* enquanto *contrariedade*.

Encaro a lógica como a teoria da dedução ou da derivabilidade, ou seja o que alguém queira chamá-la. Derivabilidade ou dedução envolve, essencialmente, a transmissão da verdade e a retransmissão da falsidade numa inferência válida, a verdade é transmitida das premissas para a conclusão (POPPER, 1999, p. 279).

Continuando suas ásperas acusações, Popper irá afirmar que a Filosofia da Identidade e a Dialética de Hegel resultam numa espécie de ‘retrocesso’ por se reencontrar com o ‘dogmatismo’, já refutado por Kant, e admitir a permanência da *contradição* nesse processo. Segundo o autor vienense, a Dialética não pode ser aplicada nas ciências particulares; no máximo, mostrar a história e o desenvolvimento das teorias científicas. Ao basear seu terceiro elemento no Princípio de Identidade, a Dialética confunde razão e realidade, o que pode nos levar a aceitar uma argumentação dogmática. A fusão entre Dialética e Lógica, baseada no Princípio de Identidade, retoma um racionalismo já ultrapassado, incapaz de responder à seguinte questão: Como pode a nossa inteligência conhecer o mundo, sem com ele se confundir? Aqui é aparente a diferença de método filosófico, já que o filósofo de Viena considera uma atitude antifilosófica defender um holismo e um princípio fundacionista fixo. Daí sua disposição em refutar o sistema hegeliano e seu modelo dialético. O Falsificacionismo ou Realismo Metafísico é apresentado como o modelo mais coerente e sintetizador de todas as tentativas da tradição uma vez que defende um dualismo (entre mundo e consciência) e uma concepção indeterminista do universo, da história, dos fenômenos sociais, etc...

A noção de um Idealismo Absoluto afirma que a realidade é idêntica à razão e que, portanto, é perfeitamente possível inverter a filosofia dialética em materialismo como aquele encontrado em Marx, segundo a idéia de que a realidade física se desenvolve dialeticamente. Tudo isso, segundo Popper, gerará consequências ‘catastróficas’ para a concepção de Estado, História e Economia. A Dialética, nesse sentido, desempenhou um papel desventurado na evolução da Filosofia e da teoria política moderna, ao acreditar que se pode dar uma explicação causal de uma evolução, através da descrição histórica oracular, que dá à história uma idéia positi-

va, de progresso e evolução. Para Popper, a Dialética não tem nenhuma base razoável para servir como previsão científica seja em qualquer campo em que ela for aplicada como política, economia, história, ciência, etc...

II - ALGUMAS DECORRÊNCIAS DESSE MÉTODO PARA A FILOSOFIA POLÍTICA E HISTÓRIA

Com exceção de Marx, os demais autores (Heráclito, Platão, Aristóteles e Hegel) criticados por Popper em *A Sociedade Aberta e Seus Inimigos* apresentam, segundo ele, um vínculo direto com o Poder da época e utilizam sua filosofia para evitar a mudança nas leis, na forma de Governo e Poder. Essa demonstração é feita a partir de uma contextualização histórica e filosófica, que também apresenta algumas afirmações sobre a instrumentalização de tais métodos em benefício da manutenção do Poder.

Hegel, fiel a seu método holista e conceito de liberdade, é o primeiro autor oficial do Estado Prussiano. De acordo com Popper, ele teria sido nomeado e chamado a Berlim pelo Imperador, por volta de 1818, lá permanecendo até sua morte. Nas palavras de Popper a esse respeito, encontramos a seguinte ilustração:

Minha afirmativa de que a filosofia de Hegel foi inspirada por motivos secretos, a saber, por seu interesse na restauração do governo prussiano de Frederico Guilherme III e não podendo, portanto, ser levada a sério, não é nova (POPPER, 1995, p. 39).

Trata-se de um Período histórico em que Frederico Guilherme III, Rei da Prússia, busca a restauração feudal diante dos novos ideais internos projetados pela Revolução Francesa. Coincide, nesse contexto, o total domínio da filosofia de Hegel, tanto nas universidades quanto no ensino básico da Prússia e grande parte da Europa. Seu Idealismo era visto e projetado como o 'mais elevado' e a mais elevada moralidade, segundo Popper, por imposição do Poder da época. A influência de sua filosofia política e moral é, portanto, muito significativa durante esse período. Em contrapartida,

outros filósofos, como Arthur Schopenhauer¹⁴, tentam denunciar esse vínculo entre a filosofia de Hegel e o Estado prussiano, mas são censurados e tornados irrelevantes naquele contexto.

O método dialético de Hegel, estendido para a *Filosofia do Direito*, irá enfatizar a idéia de que o Estado é tudo e que a liberdade do indivíduo deve estar submetida a suas determinações. Hegel revitaliza, assim, uma concepção, já presente em Platão e Aristóteles, de que o *Todo* precede as partes e de que é necessário valorizar o Estado e a Nação acima de qualquer aspecto, enquanto *locus* da verdadeira eticidade. Desse modo, o Estado é tudo, e o indivíduo é nada¹⁵. A liberdade deve ser entendida como uma liberdade restrita, inserida e tornada objetiva nas instituições. O cidadão corresponderá a uma parte desse todo, fazendo parte em primeiro lugar da família, depois da Sociedade Civil e, por fim, do Estado.

Nessa concepção de Estado, o universal se encontra nele e representa a marcha de Deus no mundo. O Estado é o real eternamente necessário no qual sua absoluta moral predomina sobre toda moralidade pessoal. Conforme Popper, Hegel irá apresentar o Estado Prussiano Alemão como o lugar da eticidade pura, e enquanto superação do estado romano, grego e oriental¹⁶. Isso é feito com a pretensão de evitar a abertura ou a mudança do modelo de Estado prussiano. Sua filosofia passa a ser instrumentalizada e mantida dentro dos limites adequados no sentido de capacitá-la a servir ao Estado do Rei Frederico Guilherme III. Essas afirmações de Popper são feitas, recorrendo também a alguns autores da época que relatam tal vínculo de Hegel com o Poder como Schopenhauer, Schwegler e Stirling.

Há uma sistemática exposição da relação entre a dialética triádica de Hegel (Tese, Antítese e Síntese) e a apresentação da Filosofia do Direito em seus três níveis: Direito Abstrato, Moralidade

¹⁴ Podemos citar a obra *O Mundo como Vontade e Representação*, de Arthur Schopenhauer, como principal lugar de tal crítica.

¹⁵ A esse respeito é bom salientar que Ludwig Feuerbach e o Jovem Karl Marx já haviam, antes de Popper, esboçado suas críticas à concepção política 'conservadora' de Hegel. Ambos pertenciam à escola dos jovens hegelianos.

¹⁶ A esse respeito ver, a Filosofia do Direito de Hegel, parte final da Eticidade. Cf. HEGEL, G. W. F. *Principios de la Filosofia del Derecho Natural y Ciencia Política*. Barcelona: EDHASA, s.d. Também na *Filosofia da História* encontraremos essa exposição evolutiva a partir do Mundo Oriental, Grego, Romano e Germânico.

e Eticidade, bem como os três diferentes níveis evolutivos do Estado (Oriental, Grego, Romano e Germânico), fazendo, assim, a unificação entre filosofia sistemática e filosofia do real. O mesmo ocorre na apresentação da Filosofia da História, quando da apresentação dos diferentes mundos (Oriental, Grego, Romano e Germânico).

O Estado Alemão será exposto, nesse sentido dialético, como o lugar da efetivação da Idéia realizada no mundo e da liberdade objetiva. Tanto o Estado quanto a História serão visualizados como organismo e essência consciente em que cada etapa de evolução contém a precedente. Nessa perspectiva, o autor de Berlim procura evitar qualquer alteração da ordem, por considerar que toda mudança implica uma degenerescência. Há, no fundo, uma 'utilização' daquela idéia de progresso dialético que coincide com o Estado prussiano, enquanto o lugar de sua realização. Emergem, então, um historicismo e uma 'soberba' em acreditar que o espírito da nação prussiana é capaz de determinar seu destino e o destino dos demais povos. A Filosofia da Identidade será utilizada no sentido de apontar para um positivismo ético e jurídico, no qual o estado existente passa a ser considerado ideal, segundo a equação: Ideal=Real, estando em consonância e total interesse à Monarquia Absoluta de Frederico Guilherme III.

Segundo Popper, o método dialético de Hegel, aplicado na filosofia do real, é constantemente utilizado para retorcer uma idéia em seu contrário e, para demonstrar isso, cita Schopenhauer: "Os governos fazem da filosofia um meio de servir a seus interesses de estado e os estudiosos fazem dela um comércio" (SCHOPENHAUER apud POPPER, 1995, p. 40). Exemplo disso são os argumentos utilizados na defesa do Estado prussiano e, ao mesmo tempo, para evitar que outras tendências alemãs empreendessem qualquer mudança. O Estado prussiano passará a ser designado como o guardião da verdade, da ciência e da moralidade. Com tal status, seria inútil e ilegítima toda tentativa de mudança de modelo, constituição ou forma de Governo.

Ao situar o contexto de Hegel, Popper caracteriza a Prússia como um reino que ainda se encontrava com inúmeros principados e feudos. Um verdadeiro anacronismo, se comparado com outros países. Diante dos novos ideais e acontecimentos provenientes da Revolução Francesa, o povo alemão exigia a criação de

uma constituição e reformas democráticas, mas pretendiam que isso ocorresse sem a interferência externa dos franceses. Frederico Guilherme III irá, a partir dessas reivindicações, prometer uma constituição, mas acaba por não cumprir sua promessa porque isso comprometeria seu cargo e a manutenção de seu modelo de Governo. Hegel, seu mentor intelectual, trabalha no sentido de ‘convencer’ o povo germânico de que cabe ao Governo fazer as leis e tudo decretar. Sua defesa da Monarquia prussiana será feita a partir de um conjunto de argumentos extraídos de sua filosofia, segundo a idéia de que o Estado atual prussiano é a forma mais perfeita e o mais alto grau de todas as constituições. No Estado o Monarca representa o elemento absolutamente decisivo no Todo.

Nessa perspectiva, Hegel condena de forma sutil todas as reformas internas nacionalistas, bem como as da Revolução Francesa. Combate as inclinações liberais tanto imperialistas provenientes da Revolução Francesa, e portanto externas, bem como do nacionalismo democrático interno (alemão). Afirmará que o Estado prussiano é o espírito do povo e que o Estado onipotente contempla os interesses coletivistas. Substitui assim, o nacionalismo germânico pelo prussiano.

Ao tratar dos diferentes níveis históricos, Hegel inicia sua exposição a partir de três momentos: 1) Despotismo Oriental; 2) Democracia e Aristocracia grega e romana; 3) Estado da Monarquia Absoluta Germânica, que, por sua vez, também passou por três momentos: a) Reforma; b) Desenvolvimento; e c) Tempo atual da Prússia. O Estado Prussiano será apontado como o pináculo e cidadela da liberdade e o lugar da eticidade realizada. Trata-se do espírito do novo mundo e a realização da verdade absoluta que tem como ápice a decisão pessoal do Monarca. É o ponto em que a liberdade se realizou e se tornou a justificação de Deus na História.

Nesta perspectiva, segundo Popper, a História torna-se um livro aberto e decifrado. O método de Hegel representa uma apologia da sabedoria e da providência e um processo do pensamento e do Espírito Absoluto. Todo esse conjunto argumentativo em torno do Estado e da História será resultado da torção que Hegel faz de sua dialética, extraindo daí resultados surpreendentemente conservadores, profecias historicistas e gerando uma negativa idéia de raça, sangue puro e um nacionalismo ao pretender apresentar o

Mundo e o Estado Germânico como o mais evoluído e a síntese dialética dos Estados anteriores. Daí, a possível conexão, feita por Popper entre a filosofia de Hegel e o totalitarismo e historicismo contemporâneo.

Diante dessa apresentação e leitura popperiana, podemos constatar que, a partir de seu método e da necessidade de manter a 'sociedade fechada' da Monarquia Absoluta prussiana, Hegel acabará por legitimar uma visão conservadora e um historicismo profético e determinístico. Juntamente com essas consequências, surge a idéia de um Monarca 'salvador da Pátria', um apelo forte aos instintos tribais e a idéia de uma liberdade coletiva que significa o fim da liberdade individual. Há um Princípio do Estado Nacional que contempla uma forte idéia de fechamento e de Pátria. Uma postura teórica sustentada a partir de argumentos holísticos, segundo a equação Ideal = Real. Para o filósofo de Viena, o infeliz vínculo entre o método dialético de Hegel, e suas 'desastrosas' consequências ao âmbito político, histórico e social acaba por gerar o princípio do Estado Nacional que não passa de um mito, um sonho irracional, romântico e utópico. Um princípio que é, na verdade, um desserviço à sociabilidade e que vai de encontro a uma sociedade aberta e liberal.

Todas essas são idéias contrapostas à sociedade aberta que busca e permite a mudança, a ruptura dos pré-conceitos e o fim das profecias¹⁷ e do historicismo determinista. Popper tratará de contrapor-se veementemente a tais idéias. A primeira delas é a idéia de Pátria ou Nação, defendida por Hegel. Como sustentar tal idéia na Europa, diante de tantas migrações e influências externas constantes? O mesmo vale para o conceito de raça ou sangue puro. Outra idéia insustentável é a de Estado Nacional. Sobre ela, pergunta Popper: qual é o elemento caracterizador de um Estado Nacional? Seu território? O filósofo vienense constata porém, que a idéia de Estado Nacional não passa de uma convenção! Seria

¹⁷ Popper, fiel aluno do empirismo inglês, concorda com Hume de que é humanamente impossível universalizar eternamente um conhecimento sobre Questões de Fato e, portanto, dar receitas e fornecer previsões históricas ou sobre os rumos da humanidade, estado ou economia, a partir de um princípio fundamental. A história é aberta e os desdobramentos dos fatos não podem ser previstos a partir de um método pré-fixado e oracular.

então sua língua? Mas esta também não é pura, em virtude de todos os dialetos existentes! Em torno disso é que Hegel será responsabilizado por ser o mentor do historicismo e do totalitarismo moderno. Embora muitos historiadores façam questão de vangloriar a concepção de história de Hegel, por seu método de generalização e periodização, Popper afirma tratar-se de uma maneira insustentável de abordar o desdobramento dos fatos e das idéias, em virtude de seu perfil profético e determinista, baseado em leis inexoráveis e numa teleologia otimista. Para o falsificacionista, profecias não passam de paralogismos infrutíferos, porque não temos o direito de fazer qualquer previsão eterna sobre o futuro, ou falar de um Estado perfeito e universal. Não temos base científica capaz de tal proeza. A tese de que o futuro é implicado e contido pelo passado é impossível porque estamos condenados a interpretar, a nossa maneira, a mudança e o curso do tempo. O passado, por sua vez, é fechado, embora seja admitida a possibilidade do mesmo influenciar no futuro. O passado é a região que, em princípio, se pode conhecer, e o futuro é a região que, ainda que influenciada pelo presente, é sempre aberta¹⁸.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o exposto, conseguimos visualizar alguns aspectos do olhar do filósofo falsificacionista a respeito do método dialético de Hegel e suas implicações ou conseqüências para a idéia de Política, Estado, História e método para as demais ciências. O erro principal de Hegel, segundo Popper, está em manter uma postura essencialista e um fundacionismo fixo que faz da Dialética a chave capaz de desvendar os mistérios do passado, do presente e do futuro.

Estamos, é certo, diante de dois modelos teóricos totalmente diferentes e incompatíveis. De um lado o Idealismo Objetivo de

¹⁸ A respeito da crítica ao determinismo e a defesa popperiana do indeterminismo e do universo aberto, ver: POPPER, Karl. *O Universo Aberto: um argumento em favor do Indeterminismo*. Lisboa: Dom Quixote, 1988.

Hegel, que tem na Dialética e teleologia, a pretensão de fazer uma unidade entre Razão e História, mediante um holismo e um monismo metodológico. De outro, encontramos o Racionalismo Crítico de Popper e sua defesa a um dualismo e indeterminismo, a partir de sua filosofia falsificacionista. A pergunta que fica é qual dos dois modelos pode ser apresentado como mais aceitável? Existe um possível meio termo entre eles?

Especificamente na obra em análise, Popper procura promover esse confronto crítico dos dois métodos, pretendendo demonstrar que em Hegel, há diversas incoerências. A principal é a de pretender fazer de seu método a chave explicativa de tudo (unir Razão e História) pelo princípio filosófico da Identidade, e de confundir mundo e conceito através de um idealismo objetivo, além de confiar numa intuição racional e de manter a *contradição* em seu sistema. Ainda mais grave é pretender, pela equação ideal = real, afirmar que o mundo germânico é o *locus supremo* da filosofia realizada e absolutizada. É nesse modelo de filosofia que Popper pretende encontrar as raízes do totalitarismo e historicismo moderno e contemporâneo, através dessa vertente filosófica determinista que justifica uma sociedade fechada e tribal.

O distanciamento teórico, por muitas vezes incompatível, entre o racionalismo crítico de Popper e o idealismo objetivo de Hegel - o primeiro proveniente da tradição empirista anglo-saxônica analítica e o segundo, do neoplatonismo germânico continental-europeu - justificam em grande parte o modo como o autor vienense trata a dialética hegeliana até, por vezes, de modo caricaturado e taxativo. Embora, por vezes, considerando Popper muito simplista e reducionista em relação a Hegel por não abrir nenhum tipo de concessão ao método dialético, podemos concordar com o exagero na pretensão hegeliana de fazer do seu método um modelo perfeito de descrição da política e da história. Contudo, muito para além dessa comparação filosófica com relação aos métodos, o que permanece de mais importante nesta análise é a necessidade de evitar uma atitude não-refletida diante dessas críticas, e, sobretudo, atentar em que medida, em certos momentos, a Filosofia pode tornar-se um 'instrumento' de justificação histórica e política, alimentando modelos deterministas, totalitaristas e de fechamento social. Outra consequência desta análise é a necessidade de se pensar uma

sociedade aberta, um conceito novo de política que consegue olhar para além de seu contexto político e geográfico que, se estiver fechado em si mesmo, limita e introduz uma concepção restritiva, populista, demagógica do representante político “Salvador da Pátria”. Essas, talvez, sejam as principais contribuições de Popper para a ética e a política contemporâneas, muito além de uma discussão polarizada entre uma concepção de sociedade liberal ou totalitária.

REFERÊNCIAS

ACKERMANN, Robert John. **The philosophy of Karl Popper**. Amherst: University of Massachusetts Press, 1975.

ALBERT, Hans. **Tratado da Razão Crítica**. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro, 1969.

HEGEL, G. W. **Principios de la Filosofia del Derecho Natural y Ciencia Política**. Barcelona: EDHASA, s.d.

_____. **Filosofia da História**. 2. ed. Brasília: UnB, 1999.

HORGAN, John. **O Fim da Ciência - Uma Discussão Sobre os Limites do Conhecimento Científico**. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

MAGEE, E. B. **As Idéias de Popper**. São Paulo: Cultrix, 1974.

NEIVA, Eduardo. **O Racionalismo Crítico de Popper**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1999.

O’HEAR, Anthony, Karl Popper. **London**: Toutledge & Kegan Paul, 1980.

POPPER, K. **A Miséria do Historicismo**. São Paulo: Cultrix; Edusp, 1980.

_____. **A Sociedade Aberta e Seus Inimigos** (Tomo I e II). São Paulo: Ed. Itatiaia/USP, 1987.

_____. **The Open Society and Its Enemies**. Princenton/New Jersey: Princenton University Press, 1971.

_____. **The Poverty of Historicism**. London: Routledge, 1997.

_____. **Conhecimento Objetivo**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1999.

_____. **Sociedade Aberta, Universo Aberto**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1995.

_____. **Três Concepções Acerca do Conhecimento Humano**. São Paulo: Abril Cultural, s.d.

_____. **O Racionalismo Crítico na Política - coletânea de Ensaaios**. Brasília: UnB, 1994.

UTZ, Conrad. **Liberdade em Hegel**. In: Rev. Veritas. Porto Alegre. V. 50 - nº 2, junho de 2004, p. 257-283.

MÜLLER, Marcos Lutz. **A Gênese Conceitual do Estado Ético**. In: Filosofia Política - Nova Série, V. 2. Porto Alegre: L&PM, 1998.

Recebido em abril de 2006
Aprovado em junho de 2006